

**SISTEMA, ESTRUTURA, SIGNIFICAÇÃO.
ALGUNS PARALELOS FILOSÓFICOS NAS TEORIAS NEOKANTIANA E
ESTRUTURALISTA DA LINGUAGEM***

**System, structure, meaning.
Some philosophical parallels in neo-Kantian and structuralist theories of language**

Christian Möckel

Humboldt-Universität zu Berlin – Berlin, Germany
MoeckelC@philosophie.hu-berlin.de

Resumo: No presente artigo serão discutidas algumas abordagens e explicações comparativas dedicadas à moderna teoria da linguagem, que podem ser encontradas tanto no filósofo neokantiano do símbolo Ernst Cassirer como nos linguistas estruturalistas Nikolaj Trubetzkoy e Roman Jakobson, que frequentemente se referem a Ferdinand de Saussure. Com esta finalidade, recorreremos a conceitualizações inovadoras usadas em comum no pensamento filosófico da primeira metade do século XX, tais como forma, estrutura, sistema, sinal, sentido ou significação e expressão, que determinam as respectivas teorias da linguagem. Entre outras coisas, as evidências provam que certos novos princípios de pensamento e terminologias são avanços em diferentes disciplinas científicas e meios culturais, sem que seus descobridores ou representantes se refiram uns aos outros, ou mesmo que conheçam uns aos outros.

Palavras-chave: linguagem; sistema; estrutura; significação; função; fonologia.

Abstract: In the following article will be discussed some comparable approaches and explanations dedicated to modern language theory, which can be found both in the neo-Kantian symbol philosopher Ernst Cassirer and in the structuralist linguists Nikolaj Trubetzkoy and Roman Jakobson, who often refer to Ferdinand de Saussure. To this end, we draw on commonly used, innovative conceptualizations of philosophical thought of the first half of the 20th century, such as form, structure, system, sign, sense or meaning, and expression, which determine the respective theories of language. Among other things, the evidence proves that certain new principles of thought and terminologies are advanced in different scientific disciplines and cultural milieus without their discoverers or representatives referring to each other, or even knowing each other.

Keywords: language; system; structure; meaning; function; phonology.

1. Filosofia simbólica neokantiana e linguística estruturalista

Ernst Cassirer (1874-1945), que ao longo de toda a vida enxerga tanto na filosofia crítica de Kant, em sua interpretação e desenvolvimento na Escola Neokantiana Marburgo, como no pensamento teórico-simbólico contemporâneo suas fontes intelectuais mais importantes, conhece pessoalmente em 1941 Roman Jakobson (1896-1982), um vanguardeiro representante da linguística estruturalista moderna, o que desperta nele o interesse por seus princípios fundamentais linguístico-filosóficos e

* Tradução: Rafael R. Garcia (Universidade Estadual de Campinas – Campinas, Brasil; e-mail: raroga@unicamp.br).

também por sua fonte, a teoria da linguagem de Ferdinand de Saussure (1857-1913). Este interesse se reflete visivelmente em seus escritos tardios de 1944/45. Uma análise comparativa entre suas obras linguístico-filosóficas escritas muito antes e os escritos dos representantes russos da linguística estruturalista em particular, no entanto, leva à constatação surpreendente de que paralelos fundamentais podem ser vistos em ambas as abordagens linguístico-filosóficas, o que mais uma vez explica o entusiasmo tardio de Cassirer pela linguística moderna.

A partir de uma comparação direcionada do principal texto linguístico-filosófico do filósofo do símbolo – *Die Sprache [A Linguagem]* (1923) – e das afirmações fundamentais filosoficamente relevantes das teorias linguísticas dos dois linguistas Roman Jakobson e Nikolaj Trubetzkoy (1890-1938), o presente estudo busca mostrar alguns desses paralelos. Ao fazê-lo, a demonstração expressamente não recorre à assunção de conhecimento, recepção e influência mútuos, mas sim à convicção de que, de modo independente entre si, o filósofo inspirado em Kant e no neokantianismo, e os dois linguistas que co-fundaram o estruturalismo na linguística, ajudaram a moldar importantes desenvolvimentos e inovações no pensamento da filosofia e das ciências humanas no primeiro terço do século XX. Uma expressão disso pode ser vista no fato de que eles fazem declarações filosoficamente relevantes com a ajuda dos mesmos termos como sistema, estrutura, signo e significado; *outra* é que todos os três se referem repetidamente aos mesmos autores – da linguística e da filosofia.

Antes de apresentar algumas evidências para nosso discernimento, quatro observações preliminares devem ser levantadas. *Primeiro*: o Ernst Cassirer marburguês (Ferrari, 2003), com sua filosofia de orientação kantiana, mas ao mesmo tempo original, que, além de “forma”, “estrutura” e “símbolo”, também coloca “sentido” ou “significação”, e mais tarde ainda “expressão”, no centro das atenções ou indagações, era bem conhecido entre os estudiosos das humanidades, especialmente os filósofos, tanto na Rússia pré-revolucionária quanto no início da Rússia soviética. Assim, Aleksej Losev (Losev, [1926/27] 1998) e Boris Focht (Focht, [1927/28] 1998) receberam sua original filosofia dos símbolos, enquanto outros, como Mikhail Bakhtin, leram-na de modo “inovador”, ou seja, trechos frequentemente usados de seus escritos nem sempre eram identificados como tal (Pape, 2015, p. 104 et seq.). Já em 1912, a obra de Cassirer *Substanzbegriff und Funktionsbegriff [Conceito de substância e conceito de função]*

(1910) havia aparecido na tradução russa como *Poznanije i dejstvitel'nost'* [Conhecimento e realidade] (Kassirer, 1912)¹; seu livro *Zur Einsteinschen Relativitätstheorie* [Sobre a Teoria da Relatividade de Einstein], publicado em 1921, foi traduzido para o russo um ano depois (Kassirer, 1922). Na recepção de Cassirer na Rússia pré-revolucionária, na Rússia soviética e na Rússia pós-soviética, o pesquisador polonês Roman Mnich (Siedlce) coletou e publicou informações cruciais (Mnich, 2015, pp. 163-192; 2012, pp. 81-132), assim como a especialista em neokantianismo de Moscou, Nina Dmitrijeva (Dmitrijeva, 2007). O próprio Cassirer, que não era proficiente no idioma russo, não recepcionou explicitamente filósofos russos², embora, como já mencionado, em seu trabalho posterior a 1941, os escritos de Jakobson e Trubetskoy entraram no campo de sua atenção.

Segundo: Cassirer menciona os linguistas de Saussure e Trubetzkoy junto com seus escritos pela primeira vez nos textos redigidos depois de 1941 (Cassirer, [1944] 2006, 133 nota 22, p. 136 nota 28). O próprio Trubetzkoy, tanto quanto sei, não tomou conhecimento de Cassirer e de sua filosofia de linguagem. Em relação a Jakobson, apesar do conhecimento pessoal e dos múltiplos contatos durante seus anos juntos nos EUA (entre outras coisas, há uma breve correspondência [Cassirer, 2009, DVD]), algo semelhante pode ser constatado. Cassirer menciona Jakobson várias vezes em seus escritos posteriores a 1941 (Cassirer, [1944] 2006, p. 135; [1946] 2007b, p. 17 nota 10; [1945] 2007a, p. 305 nota 12) e avalia vários de seus artigos (Jakobson, [1933] 1974; [1944] 1974; 1929). No entanto, o linguista que, segundo consta, conheceu algumas das obras de Cassirer³, não o menciona ou seus escritos em nenhum lugar - pelo menos nas

¹ Uma cópia da edição russa de 1912 pode ser encontrada na biblioteca privada de Cassirer. - Veja: Cassirer's Private Library: Dissertationen, Separata, Verschiedenes. Transcrição de fotocópias das páginas de título. Contém o acervo da biblioteca de Cassirer comprada pela Prof. Dra. Ruth Barcan Marcus. Coleção mantida por: The University Library, The University of Illinois at Chicago, Box 8198, Chicago, IL 60680, USA (cópia da lista em poder do autor).

² Entre os Separatas em sua biblioteca particular está um artigo do *Logos* de Simon Frank (Frank, 1928) - ver *ibidem*.

³ Assim Toni Cassirer relata em suas memórias que Jakobson, no primeiro encontro com seu marido, havia declarado “ser um grande admirador de seus escritos [- C.M.]” (T. Cassirer, [1948] 2003, p. 285). Claude Lévi-Strauss, que mais tarde adotou o método estruturalista da linguística para a antropologia e fundou uma “antropologia estrutural” (ver nota 8), pode-se imaginar que tenha ouvido falar sobre Cassirer e sua filosofia dos símbolos nos anos 40 através de Jakobson, seu professor universitário em Nova York: “Il est d'ailleurs possible que quelque chose de l'enseignement de Cassirer me soit parvenu, sans que je le sache, par l'intermédiaire de Roman Jakobson que, je crois, le connaissant personnellement” (Lévi-Strauss, [1971] 2009, p. 55). Ecos da distinção de Cassirer entre a função simbólica linguística especial e a função simbólica geral do espírito são oferecidos pela seguinte descrição de Jakobson de 1936: a “Escola de Praga” de linguística também está trabalhando no espírito da escola formalista russa sobre uma “doutrina geral dos

obras conhecidas por mim. Considero surpreendente que Cassirer não seja mencionado, especialmente em seu trabalho *Kindersprache, Aphasie und allgemeine Lautgesetze* [*Linguagem infantil, afasia e leis fonéticas universais*] (1941), visto que doze anos antes, no capítulo *Zur Pathologie des Symbolbewußtseins* [*Sobre a Patologia da Consciência Simbólica*], localizado na obra *Phänomenologie der Erkenntnis* [*Fenomenologia do conhecimento*] (Cassirer, [1929] 2002, pp. 234-253), Cassirer tinha defendido ideias e teses análogas, e ao fazê-lo tinha se apoiado - como Jakobson também fez - em Kurt Goldstein como um “excelente representante da patologia moderna da fala” (Jakobson, [1941] 1969, p. 41)⁴.

Terceiro: Durante a formação acadêmica de Trubetzkoy, que ocorreu em grande parte na Universidade de Moscou, sem contato com o kantismo, e sobre a qual Jakobson fornece informações nas *Autobiographische Notizen von N.S. Trubetzkoy* [*Notas Autobiográficas de N.S. Trubetzkoy*] (Trubetzkoy, [1939/1957] 1977, pp. 273-288), talvez seja digno de nota que em 1913 ele passou uma estada de pesquisa na Universidade de Leipzig, onde na época Ferdinand de Saussure e Cassirer tinham estudado germanística e estudos literários, respectivamente. Entretanto, os caminhos de Trubetzkoy e Cassirer na vida aparentemente nunca se cruzaram diretamente. Durante seu tempo em Viena (1922-1938), Trubetzkoy formula uma importante e inovadora teoria linguística, Fonologia, que retomou as ideias de de Saussure e continha implicações teóricas de sistema e significação, tal como Cassirer também defende em sua filosofia teórica do conhecimento e da cultura. Trubetzkoy e Jakobson trabalham em estreita colaboração, este último compartilhando o conceito de “fonologia” (Jakobson, [1931/32] 1974, p. 57), referindo-se repetidamente a seu *Grundzüge der Phonologie* [*Traços fundamentais da*

sinais (semiótica)”, já que “a análise comparativa da arte [...] mostra quais elementos são específicos da linguagem poética e do próprio sistema linguístico dos sinais e quais, por outro lado, são propriedade comum do mundo dos sinais em geral” (Jakobson, [1936], 1974, p. 34).

⁴ Em 1929, por exemplo, Cassirer afirma: “O último resumo sistemático que a doutrina da afasia experimentou no trabalho de Henry Head também enfatiza explicitamente o conceito de símbolo e o move para o centro da investigação. Os distúrbios aos quais a consciência está sujeita em adoecimentos afásicos são chamados por Head de distúrbios de formulação e expressão simbólica” (Cassirer, [1929] 2002, p. 239). E no trabalho de Jakobson lemos: “[Henry] Head afirma que toda variedade de afasia de alguma forma afeta a ‘formulação simbólica’ da linguagem. A propósito, de Saussure já havia esboçado este fato de forma perspicaz [...]”. (Jakobson, [1941] 1969, 44) Da mesma forma, o seguinte pensamento de Jakobson também é encontrado, *mutatis mutandis*, nas notas e elaborações de Cassirer, quando ele faz anotações sobre “amnésia das cores” (Cassirer, [1936] 2011, p. 98): “Analogias marcantes para a construção e degradação do sistema de fala são fornecidas pelo desenvolvimento do sentido da cor e seus distúrbios patológicos” (Jakobson, [1941] 1969, p. 117).

fonologia; tradução francesa: *Principes du phonologie*] em seus escritos (Jakobson, [1941] 1969, 69; [1931/32] 1974, pp. 55, 57).

Jakobson, que durante seus estudos eslavos em Moscou tentou esclarecer a relação entre “forma e sentido”, duas categorias fundamentais também no pensamento de Cassirer⁵, adere ao círculo do formalismo russo, o qual concebe a obra poética como “um sistema de artifícios” e não como sua “soma mecânica” (Jakobson, [1936] 1974, p. 33). Em 1926, ele se torna co-fundador do Círculo Linguístico de Praga, no qual são desenvolvidos fundamentos essenciais da linguística estruturalista, a cujos pensamentos fundamentais Cassirer procura e encontra uma conexão em seu trabalho posterior (Möckel, 2018a, pp. 703-735). Após Jakobson ser obrigado a emigrar da Tchecoslováquia em 1939, seu caminho o leva via Dinamarca e Noruega até a Suécia, onde o emigrante Cassirer também permanece desde 1935, sem que os dois se encontrem pessoalmente. Em 1941 Jakobson firmou um compromisso na École Libre des Hautes Études, uma universidade francesa no exílio em Nova York, enquanto Cassirer se mudou para New Haven à mesma época para assumir uma cátedra de professor visitante na Universidade de Yale. O acaso aproxima os dois na viagem de navio para a América; eles passam muitas horas discutindo tópicos na filosofia da linguagem. Em 1944/45, ambos lecionam na Universidade de Columbia, Nova York. Não é possível dizer no momento quando Jakobson entrou em contato com os escritos e conceitos de Cassirer sobre a filosofia da linguagem.

Quando em 1923 Cassirer publicou seu trabalho mais importante na filosofia da linguagem, *A linguagem* (Cassirer, [1923] 2001), uma obra que, como primeira parte das três da *Filosofia das formas simbólicas*, também é de grande importância conceitual, ele obviamente desconhecia a teoria da linguagem filosoficamente relevante de Saussure (Saussure, [1916/1931] 2001). Mesmo em suas publicações posteriores sobre a filosofia da linguagem, nem o nome de Saussure nem o de Trubetzkoy ou Jakobson são mencionados, nem o Círculo Linguístico de Praga nem a linguística estruturalista.

Quarto: Cassirer se interessa pela linguística estruturalista acima de tudo sob um enfoque filosófico geral, uma vez que ele vê importantes suposições de sua própria filosofia teórico-simbólica confirmadas nela de forma marcante. Portanto, faz sentido

⁵ “O caminho para a apreensão da questão linguística fundamental da forma e do sentido [...] foi-me esclarecido gradualmente em meu segundo ano de estudos na Universidade de Moscou, 1915-16, pelas *Investigações lógicas* de Husserl, vol. II” (Jakobson, [1941] 1974, posfácio, p. 176).

mencionar brevemente três das ideias filosóficas fundamentais de Cassirer neste ponto: 1. todas as objetivações culturais de uma época são dominadas por *um* princípio de pensamento, e é por isso que a mudança de princípio de pensamento ocorre correlativamente em todas as esferas da cultura. 2. Os Séculos XIX e XX caracterizam a substituição gradual da substância e do pensamento das coisas pela função e pelo pensamento das relações⁶. Isto direciona a atenção do filósofo de formação kantiana para o problema do sentido ou da significação. 3. No Século XX, o pensamento causal de lei natural foi cada vez mais substituído ou complementado por um pensar teórico-simbólico sobre forma, estrutura ou estilo, o que era especialmente típico dos estudos culturais. Este último aplica-se, entre outros, à linguística estruturalista, uma visão compartilhada por Jakobson (Jakobson, [1936] 1974, p. 31), bem como a sua própria *Filosofia de formas simbólicas*.

A prova mais importante da convicção de ter encontrado evidências para este pensamento inovador e progressista na *Fonologia* de Trubetzkoy e nas teorias da linguagem de Jakobson pode ser o último artigo publicado durante sua vida, em 1945, no jornal nova-iorquino *Word* (número 1), *Structuralism in modern linguistics* [*Estruturalismo na linguística moderna*] (Cassirer, [1945] 2007a, pp. 299-320), que oferece uma explicação abrangente e profunda das assunções fundamentais da linguística estruturalista⁷; anteriormente, isto havia sido aludido em *An Essay on Man* [*Ensaio sobre o homem*] (Cassirer, [1944] 2006, pp. 132-139).

Por razões metodológicas, a seguinte tentativa de traçar com mais detalhes as semelhanças filosóficas aqui indicadas limita-se em grande parte ao trabalho de Cassirer *A linguagem* (1923), ao *Traços fundamentais da fonologia* (1939) de Trubetzkoy e ao *Linguagem infantil, afasia e leis universais da fonologia* (1941) de Jakobson. O termo escolhido “paralelos” se refere ao fato de Cassirer, por um lado, e Trubetzkoy e Jakobson, por outro, terem posições filosóficas comparáveis, sem que um saiba necessariamente sobre o outro, muito menos que um tenha sido influenciado ou exercido qualquer influência sobre o outro.

⁶ Jakobson, por sua vez, chama em 1935/36 para uma “análise funcional imanente da linguagem” e concebe a palavra como uma “unidade funcional” (Jakobson, [1935/35] 1974, p. 80 et seq.).

⁷ Curiosamente, no mesmo ano de 1945, o jovem Claude Lévi-Strauss publica seu ensaio programático *Análise Estrutural em Linguística e Antropologia* no número 2 da revista *Word* (Lévi-Strauss, [1945] 1977, pp. 43-67).

O fato de que concepções quase idênticas ou muito próximas podem existir de forma independente e mutuamente desconhecidas foi notado, entre outros, por Claude Lévi-Strauss em 1960, por ocasião da revisão da tradução inglesa da *Morphologie des Märchens* [*Morfologia do Conto de Fadas*] de Vladimir Propp (1928), como segue: “Se, como a Sra. Pirkova-Jakobson [na introdução à tradução - C. M.] escreve que o [autor] destas linhas ‘parece ter aplicado e desenvolvido o método de Propp’, certamente foi então não de modo consciente, porque ele não teve acesso ao livro de Propp até a publicação desta tradução”. Um pouco mais tarde, o mesmo artigo diz: “Aqueles de nós que retomaram a análise estrutural da literatura oral por volta de 1950, sem conhecimento direto da tentativa de Propp um quarto de século antes, estão perplexos ao encontrar nela fórmulas, às vezes até mesmo frases inteiras, que no entanto comprovadamente não foram emprestadas dele” (Lévi-Strauss, [1960] 1992, pp. 136, 148). É precisamente neste sentido que eu gostaria que as observações a seguir fossem entendidas.

2. Paralelos linguístico-filosóficos

Posições comparáveis no filósofo da linguagem neokantiano e nos dois linguistas estruturalistas podem ser mostradas, segundo esta tese em concretização, nos conceitos “sistema”, “estrutura” e “significado”, complementados pelos conceitos “signo”, “função” e “totalidade”. No entanto, isto não significa que devemos lidar aqui com um entendimento da linguagem por analogia; os temas linguísticos no sentido mais restrito não são abordados no presente artigo. É notável no contexto aqui levantado que também Lévi-Strauss, no já mencionado artigo programático de 1945 (ver nota 7), enfatiza precisamente estas conceitualizações quando ele resume o “método estrutural” desenvolvido para a linguística por Trubetzkoy a partir de de Saussure (Lévi-Strauss, [1945] 1977, p. 45 et seq.).

Embora deva ser deixado em aberto no presente artigo como e quando exatamente os dois linguistas se depararam com estes conceitos de extrema relevância filosófica e se apropriaram deles, pode-se pelo menos afirmar que Trubetzkoy desenvolve sua teoria estruturalista da linguagem sobretudo com vistas à interpretação da linguagem por parte

de de Saussure⁸ como um “sistema” supra-temporal e sua linguística “sincrônica”⁹. Neste último, como já indicado, o problema da significação desempenha um papel central (Trubetzkoy, [1939/1957] 1977, p. 283). Da mesma forma, Jakobson – de início – refere-se repetidamente de maneira afirmativa a de Saussure (Jakobson, [1944] 1969, pp. 12, 29); depois de 1945, ele lida com o *Cours* de forma bastante crítica, enxergando agora com mais força Charles Sanders Peirce como um precursor filosófico da teoria linguística moderna (Jakobson, [1966] 1974, pp. 14-29). Nas publicações de Jakobson avaliadas abaixo, que remontam a 1931, é encontrada a conceitualização filosófica acima mencionada (forma, sentido/significação, sistema, estrutura, signo), como também é utilizada – posteriormente – pela Fonologia de Trubetzkoy. As evidências mostram que o filósofo Cassirer já opera com os conceitos acima mencionados em seus primeiros escritos, ou seja, mesmo antes de escrever sua obra linguístico-filosófica *A linguagem* no início dos anos 1920 (Möckel, 2018b, pp. 655-702). Para sua filosofia tardia, por sua vez, é característico que ele encontre especificamente esta conceitualidade antes e novamente nas teorias e escritos dos linguistas estruturalistas (Cassirer, [1945] 2007a).

Uma certa dificuldade metodológica na apresentação resulta do fato de que, no caso dos três autores, estes termos não são utilizados isoladamente ou de uma forma que pode ser simplesmente isolada, mas estão fundamentalmente ligados internamente e muitas vezes em contexto linguístico. Isto ocasionalmente leva a repetições e duplicações inevitáveis na apresentação dos paralelos identificados.

2.1. Sistema ao invés de agregado

No que se refere à filosofia da linguagem, o conceito de sistema já desempenha um papel importante, e até metodológica e factualmente decisivo, nas aulas de de Saussure do *Curso de linguística geral*, publicadas (postumamente) em 1916. Já na Introdução encontramos uma declaração que pode até ser relacionada à posterior *Filosofia das formas simbólicas* de Cassirer: “A linguagem é um sistema de sinais que expressam ideias e [é - C.M.] a esse respeito” comparável a outros sistemas como “escrita, o alfabeto surdo-mudo, ritos simbólicos, formas de polidez, sinais militares, etc., etc. ela

⁸ Mesmo que ele só tenha estudado a teoria de de Saussure mais profundamente a partir de 1929, ele presumivelmente já tinha se familiarizado com ela nos anos da Guerra Mundial na Universidade de Moscou (Trubetzkoy, [1939/1957] 1977, p. 278).

⁹ Jakobson também está convencido da “sincronicidade de todas as línguas do mundo”, espera “leis sincrônicas gerais de fundação” nas “línguas dos povos” (Jakobson, [1941] 1969, p. 79).

é apenas o mais importante destes sistemas” (Saussure, [1916/1931] 2001, p. 19). Consequentemente, para de Saussure, a linguagem é “um sistema de sinais em que a única coisa essencial é a conexão entre o sentido [isto é, significado - C.M.] e os signos fonéticos” (ibid., p. 18). Outra indicação do caráter sistemático da linguagem, que a torna um todo determinado com membros correspondentes, é: “A linguagem é um sistema cujas partes podem ser consideradas em sua interrelação sincrônica [isto é, não causal - C.M.]” (ibid., p. 135). Além disso, deve ser entendido como um “organismo” (ibid., p. 17).

Completamente independente de de Saussure, o neokantiano Cassirer, que em 1923 alega elaborar uma “doutrina das formas” (morfologia) filosófica da linguagem e respectivamente da “forma linguística pura” do espírito (Cassirer, [1923] 2001, pp. VII, X), também caracteriza a linguagem como um sistema. A forma da linguagem, como toda forma do espírito, tem sua própria “legalidade fundamental de enformação”, da qual emerge como um sistema holístico (ibid., p. 122). O sistema linguístico prova ser “um organismo no qual [...] o todo é anterior às partes” (ibid., p. 281). O primado do todo sobre as partes também foi enfatizado por de Saussure (Saussure, [1916/31] 2001, p. 135), assim como o pensamento formulado por Cassirer de que em um sistema os “membros individuais” em “sua diversidade necessária” se “condicionam e exigem” mutuamente (Cassirer, [1923] 2001, p. 5). Assim, no *Cours* é dito, entre outros: “O todo tem um valor em virtude de suas partes. As partes também têm um valor em virtude de seu lugar no todo, e portanto a relação de justaposição da parte com o todo é tão importante quanto a das partes entre si” (Saussure, [1916/1931] 2001, p. 152 et seq.).

Cassirer também constata que o sistema de linguagem relevante do ponto de vista filosófico e linguístico contém outros subsistemas, por exemplo, o “sistema diferenciado e finamente graduado de prefixos locais”. Jakobson (Jakobson, [1941] 1969, pp. 65, 79, 102, 111, 122) e Trubetzkoy também falam de “subsistemas” de cada “sistema linguístico”, como o “sistema de vogais” e o “sistema de consoantes”, bem como de “sistema(s) fonético(s)” e “sistema(s) fonológico(s)”. Cassirer segue concebendo a linguagem e seus subsistemas - como fez de Saussure - como “sistemas de signos” nos quais os signos sensíveis individuais realizam a “representação de um certo teor de significação” (Cassirer, [1923] 2003, p. 95). Trubetzkoy também fala do caráter sígnico dos sons e fonemas do sistema e define a linguagem como um “sistema sígnico unitário”

(Trubetzkoy, [1939/1957] 1977, p. 3, 5). Jakobson também trata da “função sígnica dos elementos da linguagem” (Jakobson, [1941] 1969, p. 54).

As teorias fonéticas encontradas, que seguem antes métodos das ciências da natureza, não satisfazem nem o filósofo da linguagem nem os dois linguistas. Cassirer se esforça para dar ao som da linguagem [em francês: *son du langage*] uma explicação filosófica: “A linguagem”, diz ele, “parece ser completamente definível e concebível como um sistema de sinais fonéticos” (Cassirer, [1923] 2001, p. 16). Assim, a posição de cada signo fonético como um conteúdo especial de consciência na “rede de múltiplas relações”, ou seja, no sistema de linguagem, estaria conectada com uma “referência a outros e novamente outros conteúdos” (ibid., p. 40). Embora seja certamente verdade que Cassirer enfatize o momento de “contraposição [ou oposição - C.M.] espiritual destas impressões fonéticas”, no qual, para de Saussure, o sistema de linguagem é baseado (Saussure, [1916/1931] 2001, p. 38 et seq.), menos do que mais tarde também Trubetzkoy e Jakobson, ele está contudo preocupado com a relevância filosófica e a explicação filosófica do processo de “articulação dos sons” ou a “emergência do som articulado”, que ele considera como um “desenvolvimento e uma formação espiritual dos sons” (Cassirer, [1923] 2001, p. 130).

Em *Traços fundamentais da fonologia* de Trubetzkoy encontramos o conceito de sistema amiúde com vistas a de Saussure e em grande parte comparável ao *A linguagem* de Cassirer. Ele é aplicado tanto à linguagem em geral quanto a seus subsistemas. A teoria da linguagem, argumenta ele, deveria ser entendida como a teoria de um sistema (Trubetzkoy, [1939/1957] 1977, p. 70). Neste sentido “sincrônico”, Trubetzkoy fala da linguagem sob investigação como uma “construção linguística” que forma “um sistema ou, melhor, vários subsistemas. [...] Todos esses sistemas são bem equilibrados, de modo que todas as partes [ou membros - C.M.] se mantêm unidas, se complementam, se relacionam” (ibid., p. 6). Sem dúvida, esta concepção linguística dos sistemas se aproxima da filosófica de Cassirer.

A expressão “sistema fonológico” usada por Trubetzkoy requer dedicar algumas palavras à disciplina Fonologia – como distinta da fonética – fundada por ele: Ele distingue – à semelhança de de Saussure – as “construções linguísticas” (*Sprachgebilde*; em francês: *langue*) relevantes para a linguística sistemática (sincrônica), que formam um “mundo de relações, funções e valores”, dos “atos de fala” (*Sprechakt*; em francês: *acte*

de parole) como um “mundo de fenômenos empíricos” (ibid., p. 15). A fonética tradicional é considerada por ele como uma “doutrina dos sons dos *atos de fala*” no âmbito das ciências da natureza (ibidem, p. 7), como uma “ciência do aspecto material [dos sons - C.M.] do discurso humano” (ibidem, p. 14). A Fonologia filosoficamente ambicionada que ele fundou, por outro lado, é entendida como uma “doutrina dos sons das *construções linguísticas*” no âmbito das ciências linguísticas, humanas e sociais (ibid., p. 7); uma distinção que tanto Jakobson como o Cassirer tardio seguem. Segundo Trubetzkoy, a Fonologia teria de “considerar apenas aquela parte do som que cumpre uma determinada função na construção linguística [geral - C.M.]”, e não no ato de fala empírico (ibid., p. 14). Voltaremos ao fato de que “distinções sonoras” (“fonemas”) conectadas com “distinções de significação” dizem respeito ao modo como “os elementos distintivos [...] se relacionam entre si e de acordo com que regras podem ser combinados entre si para formar palavras (ou frases)” (ibidem, p. 14).

Já foi mencionado que Jakobson também compreende a linguagem como um sistema, já que ele investiga os “desenvolvimentos internos e imanentes do sistema de linguagem” (Jakobson, [1941] 1969, p. 16) ou do “sistema fonético da criança” (ibid., 9). Com relação à Fonologia de Trubetzkoy, ele frequentemente fala do “sistema fonêmico” ou “sistema de fonemas” (ibid., pp. 14 et seq., 28, 74, 78, 83, 83, 91, 121, 124). Jakobson, que enxerga a “estrutura do sistema fonêmico” como uma “sucessão estritamente legal e universalmente válida” de “estágios” (ibid., p. 30)¹⁰, está consequentemente interessado nas “leis universais de construção do sistema fonêmico” de qualquer idioma (ibid., pp. 47, 79).

Jakobson também enfatiza o caráter de “totalidade” de um “sistema fonêmico”, que, em sua opinião, “interpretações atomísticas” desconsideram quando “tratam a ocorrência de sons individuais isoladamente, sem levar em conta seu lugar no sistema fonético” (Ibid., p. 91). O “sistema de linguagem não [trataria de - C.M.] sons individuais, mas de distinções [...], ou seja, antes de tudo, sobre a relação de cada som individual com todos os outros sons do sistema” (Ibid., p. 93). Segundo Jakobson, a linguística moderna tem de lidar com o “problema do todo e das partes” (Jakobson, [1935/36] 1974, p. 79), o

¹⁰ “A estrutura da fala infantil, a degradação da fala afásica, a construção e reconstrução das línguas populares exibem uma série de leis fundacionais comuns. Estas leis testemunham a construção gradual do sistema linguístico, especialmente do sistema fonético, e sua generalidade prova a constância da hierarquia; [...]” (Jakobson, [1941] 1969, p. 87).

“ponto de vista holístico [...] [faz] do sistema [de oposições linguísticas - C.M.] de uma só vez o ponto de partida e a meta final da pesquisa” (Ibid., p. 82). Ele dá provas disso, entre outras coisas, para a pesquisa de casos. Em resumo, encontramos em todos os autores aqui investigados uma abordagem teórico-sistemática comparável.

As semelhanças também podem ser observadas no que diz respeito à função de representação. Assim, Cassirer vê a função intelectual mais importante da linguagem na de representação, para cuja execução utiliza “o som como meio e substrato sensível” (Cassirer, [1923] 2001, p. 130). Segundo sua própria declaração, ele usou o termo filosoficamente significativo “função representativa” a partir de 1927 em “concordância em princípio” com Karl Bühler (Bühler, 1923), cujo trabalho ainda não lhe era conhecido quando tratou do problema na filosofia da linguagem em sua obra *A linguagem* (1923) (Cassirer, [1929] 2002, pp. 15 et seq., 132 et seq.). Agora é significativo que o linguista também tome emprestado o termo das – três – “funções da linguagem” de Bühler para sua *Fonologia* (Trubetzkoy, [1939/1957] 1977, pp. 18, 27), entre as quais novamente a “função representativa” (ibid., pp. 23, 24) ou “nível representativo” (ibid., p. 18), ou seja, “a investigação do lado fonético representativo relevante da construção linguística”, desperta seu interesse especial (ibid., p. 29). A função representativa, por sua vez, cumpre três funções específicas para o Trubetzkoy, sendo decisiva sua “função significativa-distintiva ou [simplesmente] distintiva” com relação às “unidades linguísticas” (ibid.).

E Jakobson, que também recepciona Bühler, distingue diferentes “funções linguísticas” (Jakobson, [1941] 1969, p. 35), que podem ser preenchidas pelo “mesmo meio fonético” (ibid., p. 54); ao fazê-lo, ele afirma uma “crescente multiplicidade de funções linguísticas” (Jakobson, [1936] 1974, p. 33). As funções representativa e expressiva da linguagem se encontram sempre em seu campo de atenção (Jakobson, [1931/32] 1974, p. 63). Assim, em um determinado contexto, ele distingue a função “representativa e poética” (isto é, expressiva) da linguagem, que, por todas as suas diferenças, estão “inseparavelmente ligadas”: “Se falta a função representativa, isto é, a atitude para com o objeto, o signo deixa de ser um signo; mas para que o signo represente o objeto, devemos experimentar o signo como tal (função poética!) e ser claros sobre o dualismo signo - objeto” (Jakobson, [1936] 1974, p. 33 et seq.). Quando ele fala da “transição efetiva da expressão dos sentimentos para a linguagem representativa”

(Jakobson, [1941] 1969, p. 100), parece que não só a teoria da função de Bühler, mas também a de Cassirer entra em jogo aqui.

2.2. *Estrutura ou lei estrutural ao invés de leis causais*

Saussure apenas raramente tratou da estrutura e pesquisa estrutural da linguagem em seu *Cours (Questões fundamentais)*. O conceito de estrutura, onde é usado, parece significar algo como relações fundamentais de um sistema, por exemplo, quando ele fala da “estrutura interna da linguagem” (Saussure, [1916/1931] 2001, p. 20). Os subsistemas de linguagem e seus respectivos membros também possuem uma estrutura; assim lemos, entre outras coisas, a “estrutura da palavra e [a] estrutura da frase” (ibidem, p. 156).

Cassirer, por outro lado, segundo sua própria declaração, já se propõe a investigar a “estrutura do pensamento matemático e científico” em 1910 em sua obra *Conceito de substância e conceito de função*, que foi traduzida para o russo em 1912 (Cassirer, [1923] 2001, VII). Em sua obra *A linguagem*, que nos interessa aqui, ele argumenta enfaticamente que a linguística e a filosofia da linguagem também devem ser abordadas como um exame estrutural, uma vez que elas têm que descobrir as “relações estruturais espirituais mais profundas da linguagem” (Cassirer, [1923] 2003, p. 77). Cassirer presume que existe uma “estrutura uniforme e universalmente válida” no sistema da linguagem que se manifesta, entre outras coisas, num processo gradual triplo e sistematicamente relevante da “construção interna dos valores individuais da forma” da linguagem: 1. na imitação sonora ou na “expressão mímica”, 2. no modo “analógico” de designação sem “similaridade factual demonstrável” entre signo e significado (significação), e 3. na “expressão simbólica” sem qualquer forma de imitação (ibidem., pp. 77, 79, 82-85). Após familiarizar-se com a teoria de Bühler sobre as três funções linguísticas em 1927, ele substituiu este esquema pelo mais geral das três funções fundamentais do espírito: expressão emocional, representação linguística, significação ideal¹¹, embora, de acordo com sua teoria geral da expressão, ele ainda queira que todas as três funções fundamentais sejam entendidas em princípio como 'modos de expressão do espírito'¹².

¹¹ “Vamos agora nos basear nesta distinção geral da função expressiva, da função representativa, e da função significativa, que admito só poder mencionar aqui, mas não desenvolver em mais detalhes: assim possuímos por ela um plano geral de orientação ideal, dentro do qual podemos agora, por assim dizer, designar o lugar de toda forma simbólica”. (Cassirer, [1927] 2004, p. 262).

¹² A propósito, Jakobson também fala do 'valor expressivo' das locuções fonéticas (Jakobson, [1941] 1969, p. 28).

Com vistas à tripla gradação da construção interna da linguagem - como construção linguística - Cassirer dividiu sistematicamente seu trabalho principal na filosofia da linguagem em três seções: a linguagem I. na fase de expressão sensível imediata, II. na fase da expressão intuitiva (representação), e III. como expressão do pensamento conceitual. Na terceira seção, ele está interessado nas diversas formas de formação de conceitos e classes (classes de pessoas, classes de objetos, etc.) e nas diferentes estruturas dos conceitos que delas surgem, o que poderia ter consequências para a “estrutura toda” dos idiomas particulares (Cassirer, [1923] 2001, p. 275). O filósofo da linguagem Cassirer também está interessado em conhecer a “estrutura de vários grupos linguísticos que diferem muito uns dos outros em seu tipo fundamental de pensamento”, tais como a “estrutura das chamadas línguas ‘primitivas’” (ibid., p. X).

Também para o linguista Trubetzkoy, o conceito de estrutura é um termo decisivo, pois nos *Traços fundamentais* escritos entre 1935 e 1938 ele também apela para uma “investigação das leis estruturais dos sistemas fonológicos” (Trubetzkoy, [1939/1957] 1977, p. 8). Em outra ocasião, ele expressa que os linguistas têm que investigar “problemas de linguística estrutural em geral e de fonologia em particular” (ibid., 248). A linguística entendida desta forma, conseqüentemente, pergunta sobre a “estrutura dos sistemas fonológicos”, sobre a “estrutura e [...] funcionamento do sistema fonológico” (ibid., pp. 62, 67, 69). Em outras palavras, tem de interessar-se pelas “leis da estrutura fonológica” das línguas (ibid., p. 285), mas também pelos “tipos estruturais” de “morfemas” (ibid., pp. 262, 225) e outras unidades linguísticas (ibid., p. 78).

De acordo com Trubetzkoy, a “estrutura dos sistemas fonêmicos [singulares - C.M.]” é baseada em sua respectiva “relação com o sistema de oposição [fonológico - C.M.]” (ibidem, pp. 60, 64), que tem implicações sistemático-teóricas e representativo-teóricas, como Cassirer também aborda reiteradamente. Assim, para o linguista, “o inventário fonêmico de uma língua [...] é apenas um correlato do sistema de oposições fonológicas”, da sua “ordem ou estrutura definida” (ibid., p. 60). De acordo com Trubetzkoy, a estrutura linguística fornece uma “ordem interna” relevante ao significado dos elementos ou sua combinação no sistema, ela é algo como a lei fundamental dos opostos, oposições no sistema.

Aqui, novamente, um recurso parece oportuno: de acordo com Trubetzkoy, uma “oposição fonológica” é formada por “qualquer oposição acústica que possa diferenciar

um significado intelectual na língua dada” (ibidem, p. 32 et seq.). Os membros de tal oposição são chamados de “unidades fonológicas” (ibid.), as menores das quais, que não podem ser mais decompostas, são chamadas de “fonemas”, que conseqüentemente formam “a(s) menor(es) unidade(s) fonológica(s) da língua dada” (ibid., p. 34). Os fonemas permitem que as palavras sejam distinguidas e, portanto, reconhecidas como “totalidades fonéticas”, como “figuras”, um termo que também é enormemente importante e significativo para o filósofo Cassirer (ibid.): “Como figura, cada palavra contém sempre algo mais do que a soma de seus membros (= fonemas) - isto é, aquele princípio de totalidade que mantém unida a série de fonemas e confere à palavra sua individualidade” (ibid., p. 35). De acordo com a declaração filosófica, esta frase poderia muito bem ter vindo de Cassirer.

Jakobson, por sua vez, adota claramente a teoria fonêmica de Trubetzkoy, afirmando, entre outras coisas, que a linguística tem de estabelecer e descrever “distinções fonêmicas” (Jakobson, [1941] 1969, p. 57). Em sua opinião, os fonemas conectam “duas qualidades distintas” (ibid., p. 65), sendo que “o conceito de fonema não é idêntico ao [conceito] de qualidade distintiva em qualquer língua, mas é superior a esta última” (ibid., p. 65). Em outras palavras, a “qualidade distintiva por um lado e [o] fonema como um feixe de qualidades distintivas por outro” devem ser fundamentalmente distinguidas (ibid., p. 118).

Ele também trabalha numa “doutrina estrutural da linguagem” (Jakobson, [1936] 1974, p. 32), trata-se para ele da “fundamentação de uma morfologia estrutural holística” da linguagem (Jakobson, [1935/36] 1974, p. 80). Conseqüentemente, ele também defende um “estudo das leis estruturais dos sistemas linguísticos” (Jakobson, [1941] 1969, p. 17), das “leis estruturais das línguas individuais e da língua em geral” (ibid., p. 132)¹³. Neste processo, o “fundamento da estrutura da linguagem” é formado por “antinomias múltiplas” (Jakobson, [1931/32] 1974, p. 65). A abordagem estrutural do estudo da língua deve ajudar a descobrir as “leis gerais” de aquisição linguística ou sua inerente “ordem legal” (ibid., p. 19). Ao fazer isso, a linguística tem de proceder a partir da “identidade das leis estruturais que sempre e em todos os lugares determinam cada ser e devir da linguagem individual e social” (Jakobson, [1941] 1969, p. 90).

¹³ Um dos discernimentos de Jakobson é que as “unidades menos estruturadas [...] na construção do sistema fonêmico [são] substituídas por unidades cada vez mais estruturadas” (Jakobson, [1941] 1969, p. 125).

As leis estruturais são claramente consideradas por ele como “leis constitutivas”, as quais estão subjacentes, por assim dizer, “à aquisição infantil de sons e aos distúrbios fonêmicos afásicos”, bem como “ao estoque de sons e à história de sons das línguas dos povos do mundo” (ibid., p. 130). Enquanto Cassirer parece querer dizer com estrutura um princípio de formação de uma série ou ordem, Jakobson provavelmente concebe a estrutura como um certo arranjo de relações fundamentais que se repetem continuamente. O que une os dois, no entanto, é o soletrar do estruturalismo não apenas como uma doutrina de sistemas e estruturas, mas também como uma doutrina da significação, o que nos leva ao terceiro e último ponto focal.

2.3. Significação ideal ao invés de características físicas

Em princípio, tanto Cassirer quanto os dois linguistas podem se apoiar na distinção de Saussure entre o som físico e o pensamento plenamente significativo que ele expressa, além do mais, no discernimento segundo o qual o signo fonético e o pensamento formam uma unidade inseparável: “O signo linguístico une em si mesmo [...] uma representação [isto é, um pensamento, uma significação - C.M.] e uma imagem fonética [física] [isto é, uma palavra - C.M.]” (Saussure, [1916/1931] 2001, p. 77). Em outras palavras, já de Saussure entende “por um signo [linguístico] o todo produzido pela ligação associativa de uma designação (imagem fonética) com algo designado (representação)” (ibidem, p. 79).

Cassirer, Trubetzkoy e Jakobson também ligam o problema do significado dos signos fonéticos individuais, como já explicado, com o conceito de sistema, do qual, como um todo-de-sentido, as ligações, os sons individuais, derivam sua respectiva significação ideal (Cassirer, [1923] 2001, p. 25). Segundo Cassirer, a *Filosofia de formas simbólicas*, de inspiração kantiana, está fundamentalmente preocupada com problemas de significação: “O primeiro problema que enfrentamos na análise da linguagem, da arte, do mito, consiste na questão de como, afinal, um conteúdo individual sensível particular pode ser feito portador de uma ‘significação’ espiritual geral” (ibid., p. 25). Ele atribui ao espírito ou consciência humana uma “função fundamental de significação” primordial que “já está presente e atuante *antes* do estabelecimento do signo individual” (ibid., p. 39 et seq.).

Segundo Cassirer, o som [*Laut*] torna-se um som da linguagem [*Sprachlaut*] ao adquirir um “momento de significação”, ou mesmo ao tornar-se um “puro som de

significação” (ibid., p. 137). Muito dentro do espírito das observações de Saussure, ele afirma em outro lugar que se definirmos e pensarmos na linguagem “inteiramente como um sistema de sinais fonéticos” (ibid., p. 16), devemos ter em mente que o “signo fonético, que representa a matéria de toda formação linguística”, combina dois momentos em si mesmo, possuindo assim uma “natureza dupla”: ou seja, é ao mesmo tempo um “som formado [isto é, com significado - C.M.]” e “parte da efetividade sensível”, ou seja, um signo material (ibid., p. 23). O signo linguístico é caracterizado por sua “catividade ao sensível, que ao mesmo tempo inclui a liberdade em relação ao sensível” (ibid., p. 40).

Ao fazer isso, o filósofo neokantiano, compromissado com o idealismo, vê a relação a partir do momento da significação ideal, já que, de acordo com uma de suas assunções fundamentais, com ajuda dos sistemas de signos da linguagem, “a própria função pura do espírito procura sua realização concreta no sensível” (ibid., p. 17). O signo sensível portador de significação não diria respeito “a algo sensível simplesmente dado e encontrado, mas a um sistema de multiplicidades sensíveis que são produzidas em alguma forma de atividade criadora livre” (ibid., p. 18). O signo não seria “um invólucro fortuito do pensamento” (ibid., p. 16).

Aquilo que o som da linguagem, formado espiritualmente e enquanto portador sensível, “é de imediato passa para um segundo plano em face do que ele realiza e ‘quer dizer’ mediatamente” (ibid., p. 25). Consequentemente, Cassirer considera a linguagem como um sistema de significações ideais que organiza a realidade linguisticamente apreendida num todo estruturado de forma significativa (18). Com efeito, ao signo condiz “uma significação ideal determinada que persiste como tal. Ele [...] representa uma totalidade, um conjunto completo de conteúdos possíveis” (ibid., p. 20). Segundo Cassirer, consequentemente, no espiritual mostra-se uma “função primordial da representação” (ibid., p. 32) que ele define como “a representação de um conteúdo *em* outro e *através* de outro” (ibid., p. 33). A função da representação tem por efeito “apreender o todo no elemento, assim como o elemento no todo” (ibid., p. 32). E isso por sua vez significa que “todo estabelecimento de uma parte já implica o estabelecimento do todo, não segundo seu conteúdo, mas segundo sua estrutura e forma gerais” (ibid., p. 35). Para os “*signos* linguísticos” isso quer dizer que neles, consequentemente, “aparece um teor espiritual que, em si e por si, aponta para além de todo sensível [dos signos - C.M.], [...] [entretanto - C.M.] convertido na forma do sensível” (ibid., p. 40). O pensamento

filosoficamente relevante de uma representação ideal também é encontrado em Jakobson, para quem “cada som da linguagem [...] representa um complexo de propriedades distintas, e cada uma dessas propriedades atua como membro de uma oposição binária que necessariamente implica o membro oposto” (Jakobson, [1941] 1969, p. 47).

Com relação ao problema da significação, a ruptura decisiva na linguística está certamente ligada ao trabalho de Trubetzkoy, para quem o “sistema fonológico” de uma língua consiste de sons portadores de significação ou de distinção - os “fonemas”. Estes, por sua vez, compõem um sistema de “oposições com significação relevante”, formando um “sistema completo de oposições” de fonemas (Trubetzkoy, [1916/1931] 1977, p. 60). Como os outros autores aos quais recorreremos neste artigo, ele distingue o “lado fonético da construção linguística”, que a fonética investiga (*ibid.*, p. 19), de seu lado significante, que cabe à “fonologia” investigar. É este último que compila os fonemas que distinguem as significações em um sistema fonológico.

Trubetzkoy explica o pensamento decisivo do ponto de vista teórico sistemático e significativo, segundo o qual os elementos de um todo devem sua significação e função à sua respectiva posição no sistema holístico, com as seguintes palavras: “A definição do teor de um fonema”, ou seja, do “conjunto completo de todas as propriedades fonologicamente relevantes”, depende “de qual posição este fonema ocupa no sistema fonêmico em questão, ou seja, [...] a quais outros fonemas ele se opõe” (*ibidem*, p. 60). “Cada fonema”, continua Trubetzkoy, “possui um teor fonológico definível apenas porque o sistema de oposições fonológicas tem uma certa ordem ou estrutura. Para compreender esta estrutura, é necessário estudar os diferentes tipos de oposições fonológicas” (*ibid.*). Os diferentes tipos de oposições, por sua vez, condicionam a “ordem interna ou estrutura do inventário fonêmico como um sistema de oposições fonológicas” (*ibid.*, p. 64).

Trubetzkoy finalmente vincula a problemática das distinções sonoras que diferenciam significações em última análise também ao problema das “funções dos fonemas singulares” (*ibid.*, pp. 267, 269), ou seja, também aqui reaparece o pensamento da função, tanto enfatizado pelo filósofo kantiano do símbolo quanto assumido por Jakobson. Assim, Trubetzkoy descobriu que no “sistema fonológico” de uma linguagem concreta (por exemplo, um dialeto) as diferenças funcionais de um fonema se correlacionam com diferentes posições no sistema (*ibid.*, p. 262). “A dependência do teor fonológico [isto é, significativo - C.M.] de um fonema da posição deste fonema no sistema

fonológico, e conseqüentemente da estrutura deste sistema, é um fato fundamental da fonologia”! (ibid., p. 65 et seq.). Todas as distinções sonoras que, desta forma, “adquirem uma função distintiva de significação [...]”, recebem “validade fonológica”, o que não é verdade para meras “distinções fonéticas [sonoras]” (ibid., p. 264).

Jakobson, para quem a “natureza sígnica da linguagem” é, como mencionado, também um fato, salienta que no caso dos sons da linguagem [*Sprachlaute*] estamos tratando, em última instância, de “signos de fala” [*Sprachzeichen*] que temos que considerar não “externamente de modo fonético”, mas “linguisticamente” (ou seja, fonologicamente), ou seja, “do ponto de vista de sua função sígnica” (Jakobson, [1941] 1969, p. 29). Conseqüentemente, a linguística deve tomar a “linguagem como um sistema de signos arbitrários” e não como “gestos sonoros cuja forma acústica é motivada” (ibid., p. 32). Em outras palavras, Jakobson contrasta as “distinções sonoras que demandam significação” com as distinções sonoras que possuem caráter meramente “fonético” (ibid., p. 26). Para ele, o caráter sígnico da linguagem é também seu “caráter simbólico”, que determina a “forma sonora da linguagem”. Esta tematização conecta o linguista estruturalista com o filósofo neokantiano; neste contexto, Jakobson tem formulações que também poderiam ter vindo de Cassirer¹⁴.

Jakobson reconheceu em 1936, no máximo, que na linguística moderna nem “a doutrina [gramatical] das formas nem [...] a doutrina dos sons pode ignorar a questão da significação” (Jakobson, [1936] 1974, p. 32). Enquanto a “fonologia” de Trubetzkoy tem o mérito de ter conectado a “doutrina do som com a doutrina da significação” (ibid.), de ter introduzido nela o “problema do significar” e de ter movido para o centro “a função distintiva e destarte formadora de significação” dos sons de linguagem (Jakobson, [1941] 1969, p. 97), ele se coloca a tarefa de também dar à doutrina da significação “um lugar devido na doutrina das formas” (Jakobson, [1935/36] 1974, p. 121). Conseqüentemente, uma linguística sem uma doutrina da significação não poderia mais ser considerada com sentido. Ao contrário, a “conexão entre o sinal e o significado” não deveria mais ser perdida, “as questões de significação” não deveriam mais ser afastadas “do campo da teoria dos signos (semiologia e especialmente linguística)”, caso contrário “a semântica,

¹⁴ Por exemplo quando Jakobson afirma: “O esforço da psiquiatria moderna, voltando às formulações de [Paul] Broca [...], para considerar todos os fenômenos da vida linguística do ponto de vista de ‘seu caráter simbólico, seu ser sígnico’ (cf. Thiele [...]), vem sendo aplicado cada vez mais consistentemente [...], assim [também] à forma fonética da linguagem e, conseqüentemente, aos distúrbios fonéticos [...]” (Jakobson, [1941] 1969, p. 39 et seq.).

este núcleo fundamental da linguística e de toda doutrina dos signos em geral, [...] se tornaria sem objeto” (Jakobson, [1935/36] 1974, p. 77 et seq.).

Bem no sentido de Cassirer, Jakobson também expressa que a moderna patologia da fala e sua respectiva doutrina da afasia não pode – mais – escapar da “fonologia” e, portanto, da doutrina da significação. Consequentemente, “a saída da esfera do som para a esfera do sentido [deveria] ser expressa em toda teoria [da patologia da fala - C.M.]” (Jakobson, [1941] 1969, p. 40). A “moderna patologia da fala” de Goldstein, à qual Cassirer também se refere (Cassirer, [1925] 2009, pp. 69-72), está em muitos aspectos em “concordância”, segundo Jakobson, com a “linguística contemporânea”, ou seja, estruturalista (Jakobson, [1941] 1969, pp. 41, 45).

Consequentemente, ele dá ao problema dos “distúrbios fonéticos afásicos” uma explicação análoga àquela dada por Cassirer nos capítulos correspondentes de sua obra *Fenomenologia do Conhecimento* (Cassirer, [1929] 2002, p. 234 et seq., 268 et seq., 302 et seq.): estes não devem ser concebidos como danos aos “órgãos de articulação ou audição *per se*”, mas como uma restrição da capacidade de captar “o valor linguístico distintivo dos sons em questão” (Jakobson, [1941] 1969, p. 37). Em outras palavras, não são as sensações sonoras que são prejudicadas aqui, mas “seu valor linguístico” e por conseguinte sua apreensão (ibid., p. 46). A pessoa que sofre de afasia perdeu o “valor distintivo (fonemático) [dos sons] nos ‘signos arbitrários da fala’” (ibid., p. 37), nele “o sistema fonêmico, ou [...] o sistema de valores fonéticos que distinguem significações”, sofreu uma mudança¹⁵. (Ibid., p. 38) Ou seja, é “sempre a função sgnica das unidades de fala em questão que é lesada [na afasia - C.M.]” (Ibid., p. 44).

3. Epílogo

Claramente, certos discernimentos e conceitualizações científico-filosóficas amadurecem no Século XX de forma análoga nos contextos intelectuais da Europa Ocidental e da Europa Oriental, em parte mediados pelo trabalho continuado e recém-frutificado na emigração. Determinados novos princípios de pensamento, que em geral passaram por sua pré-história, vêm à tona simultaneamente em diversas formas culturais e meios culturais, e mais ainda nas ciências culturais ou humanidades e na filosofia. Desde

¹⁵ “Na medida em que o afásico perde a faculdade de distinguir linguisticamente os significados adjacentes, as palavras relacionadas ao significado são desprovidas de qualquer distinção funcional, e assim a justificação da própria distinção da palavra também se perde” (Ibid., p. 42 et seq.).

fato surgem impulsos de uma apreciação e inspiração mútua. Claramente isso vale em especial para a linguística estruturalista em desenvolvimento e para a filosofia teórica da significação e do símbolo caracterizada por sua recepção original de Kant assim como pela sua proximidade com a ciência na primeira metade do Século XX.

Referências

Bühler, K. (1923). Über den Begriff der sprachlichen Darstellung. *Psychologische Forschung. Zeitschrift für Psychologie und ihre Grenzwissenschaften*, 3, 282–294.

Cassirer, E. (2006). An Essay on Man. An Introduction to a Philosophy of Human Culture. (1944). In E. Cassirer, *Gesammelte Werke*. Hamburger Ausgabe. Hrsg. von B. Recki (= ECW), Bd. 23. Text und Anmerkungen bearbeitet von Mareen Lukay. Hamburg. (Alemão: Versuch über den Menschen. Einführung in eine Philosophie der Kultur. Aus dem Englischen von R. Kaiser. Frankfurt a. Main 1990).

Cassirer, E. (2009). Ausgewählter wissenschaftlicher Briefwechsel. Als Beilage: DVD-ROM mit sämtlichen bislang aufgefundenen Briefen von und an Ernst Cassirer. Hrsg. von John M. Krois unter Mitarbeit von Marion Lauschke, Claus Rosenkranz und Marcel Simon-Gadhof. In *Nachgelassene Manuskripte und Texte*. Hrsg. von John M. Krois, Klaus Christian Köhnke und Oswald Schwemmer. Bd. 18 (=ECB/ECN 18). Hamburg.

Cassirer, E. (2009). Brief an Kurt Goldstein, 5. Januar 1925. In *ECB/ECN 18* (pp. 69–72). Hamburg.

Cassirer, E. (2004). Das Symbolproblem und seine Stellung im System der Philosophie (1927). In *ECW 17: Aufsätze und kleine Schriften (1927-1931)* (pp. 253–282). Text und Anm. bearbeitet von Tobias Berben. Hamburg.

Cassirer, E. (2003). Der Begriff der symbolischen Form im Aufbau der Geisteswissenschaften (1923). In *ECW 16: Aufsätze und kleine Schriften (1922-1926)* (pp. 75–104). Text und Anm. bearbeitet von Julia Clemens. Hamburg.

Cassirer, E. (2001). Philosophie der symbolischen Formen. Erster Teil: Die Sprache (1923). In *ECW 11*. Text und Anm. bearbeitet von Claus Rosenkranz. Hamburg.

Cassirer, E. (2002). Philosophie der symbolischen Formen. Dritter Teil: Phänomenologie der Erkenntnis (1929). In *ECW 13*. Text und Anmerkungen bearbeitet von Julia Clemens. Hamburg.

Cassirer, E. (2007a). Structuralism in modern linguistics. *Word. Journal of the Linguistic Circle of New York*, Vol. 1, Nr. 1 (1945), 99–120). In *ECW 24: Aufsätze und kleine Schriften 1941-1946* (pp. 299–320). Text und Anm. bearbeitet von Claus Rosenkranz. Hamburg. (Alemão: Strukturalismus in der modernen Linguistik [1945]. In Idem: Geist und Leben. Schriften zu den Lebensordnungen von Natur und Kunst, Geschichte und Sprache. Hrsg. von Ernst Wolfgang Orth. Leipzig, 1993, pp. 317–348).

Cassirer, E. (2007b). *The Myth of the State* (1946). In *ECW 25*. Text und Anmerkungen bearbeitet von Maureen Lukay. Hamburg.

Cassirer, E. (2011). Vortrag: Symbolproblem (1932). In *Symbolische Prägnanz, Ausdrucksphänomen und Wiener Kreis*. Hrsg. von Christian Möckel. In *Nachgelassene Manuskripte und Texte* (pp. 85–106). Hrsg. von John M. Krois, Klaus Christian Köhnke und Oswald Schwemmer. Bd. 4 (ECN 4). Hamburg.

Kassirer, E. (1998). *Izbrannoje. Opyt o človeke*. (Luki kul'ury) Moskva.

Kassirer, E. (1912). *Poznanije i dejstvitel'nost'. Ponjatje substancii i ponjatje funkcii*. Pervod B. Stolpnera i P. Jushkeviča. Sankt Peterburg.

Kassirer, E. (1922). *Teorija odnositel'nosti Ejnschtejna*. Pervod J. Barsoviča i I. Kolubovskogo. Petrograd.

Cassirer, Toni. (2003). *Mein Leben mit Ernst Cassirer* (1948). Felix Meiner.

Dmitrieva, N. (2007). *Russkoje neokantianstvo: Marburg v Rossii. Istoriko-filosofskije očerki*. (Humanitas) Moskva.

Ferrari, M. (2003). *Ernst Cassirer. Stationen einer philosophischen Biographie. Von der Marburger Schule zur Kulturphilosophie. Aus dem Italienischen übersetzt von Marion Lauschke*. (Cassirer-Forschungen [CF] 11). Hamburg.

Focht, B. A. (1998). Ponjatije simvoličeskoj formy i problema značenija v filosofii jazyka E[rnsta] Kassirera. Tezisy k dokladu (1927/28). In *Ernst Cassirer: Izbrannoje. Opyt o človeke* (pp. 761–764). Moskva.

Frank, S. (1928). Erkenntnis und Sein. I. Das Transzendenzproblem. In *Logos. Internationale Zeitschrift für Philosophie der Kultur* (Band XVII). Mohr.

Jakobson, R. (1969). *Kindersprache, Aphasie und allgemeine Lautgesetze*. (Uppsala 1944) Frankfurt/Main.

Jakobson, R. (1974). *Form und Sinn. Sprachwissenschaftliche Betrachtungen*. München.

Jakobson, R. (1933). La Scuola Linguistica di Praga. *La cultura*, 12, 633–641.

Jakobson, R. (1944). Franz Boas' Approach to Language. *International Journal of American Linguistics*, 10(4), 188–195.

Jakobson, R. (1929). *Remarques sur l'évolution phonologique du russe comparée à celle des autres langues slaves*. Prag (Travaux du cercle linguistique de Prague, Bd. 2).

Levi-strauss, C. (1977). *Strukturale Anthropologie I* (franz. 1958). Übersetzt von Hans Naumann. Frankfurt a. Main (= SA I).

Levi-strauss, C. (1992). *Strukturelle Anthropologie II* (franz. 1973). Übersetzt von Eva Moldenhauer, Hanns Henning Ritter und Traugott König. Frankfurt a. Main (= SA II).

Levi-strauss, C. (1945). L'analyse structurale en linguistique et en anthropologie. *Word. Journal of the Linguistic Circle of New York*, 1(2), 1–21. (Deutsch: Die Strukturanalyse in der Sprachwissenschaft und in der Anthropologie (1945)). In SA I (pp. 43–67).

Levi-strauss, C. (1960). Die Struktur und die Form. Reflexionen über ein Werk von Wladimir Propp. In SA II (pp. 135–168).

Levi-strauss, C. Brief an Werner Hofmann, 25. Oktober 1971. In Werner Hofmann. *Meine Wege zu Cassirer*. In *Cassirer Studies*. Edited by Giulio Raio and Carmen Metta. Napoli, II-2009: Theory of Figuration (pp. 53–63).

Losev, A. F. (1998). Teorija mifičeskogo myschlenija u E[rnsta] Kassirera (1926/27), unveröffentlichtes Manuskript, veröffentlicht u.a. In Ernst Cassirer. *Izbrannoje. Opyt o človeke* (pp. 730–760). Moskva.

Möckel, C. (2018a). Cassirer und die strukturalistischen Linguisten. Am Beispiel der Begriffe System und Struktur. In Ders.: *Die Philosophie Ernst Cassirers. Vom Ausdrucks- und Symbolcharakter kultureller Lebensformen* (pp. 703–735) (Cassirer-Forschungen [CF] Bd. 18). Hamburg.

Möckel, C. (2018b). System und Struktur. Eine Begriffsbeziehung bei Cassirer. In *Die Philosophie Ernst Cassirers*. (CF 18). pp. 655–702. (Sistema e estrutura: uma relação conceitual [Tradução de Sibeile Paulino]. In S. F. Gil Filho, M. A. S. da Silva & R. R. Garcia (Orgs.) (2019), *Ernst Cassirer. Geografia e Filosofia* (pp. 34–77)).

Mnich, R. (2015). Einige Bemerkungen über Ernst Cassirers Rezeption in Rußland. In J. Giel (Hrsg.), *Ernst Cassirer zwischen Mythos und Wissenschaft*. (Lectiones & Acroases Philosophicae), VIII, 1, Wrocław, pp. 163–192.

Mnich, R. (2012). Ernst Cassirer v Rossii. In *Issledovanija po istorii russskoj mysli. Jeshegodnik 2008 - 2009* [9] (pp. 81–132). Pod red[akcijej] M.A. Kolerova i N.S. Plotnikova. Moskva.

Pape, C. (2015). *Autonome Teilhaftigkeit und teilhaftige Autonomie. Der Andere in Michail M. Bachtins Frühwerk*. (Reihe Übergänge, Bd. 69). Freiburg.

Saussure, F. (1922). *Cours de Linguistique générale*. (1916). 2ième edition. Paris. (Deutsch: Grundfragen der allgemeinen Sprachwissenschaft [1931]. Berlin/New York 2001).

Trubetzkoy, N. S. (1977). *Grundzüge der Phonologie* (franz. 1939/deutsch 1957). 6. Aufl. Göttingen. (Principes de phonologie. Traduits par J. Cantineau. Paris, 1949).

Trubetzkoy, N. S. (1989). Autobiographische Notizen von N.S. Trubetzkoy mitgeteilt von Roman Jakobson. *Grundzüge der Phonologie* (pp. 273-288).

Trubetzkoy, N. S. (1933). La phonologie actuelle. *Journal de Psychologie normale et pathologique*, 30, 227-246.

Artigo recebido em: 29.03.2021

Artigo aprovado em: 29.04.2021

